

ENTRE A IDEOLOGIA E O SALÁRIO: A MOBILIZAÇÃO OPERÁRIA EM PETRÓPOLIS E A ALIANÇA NACIONAL LIBERTADORA

BETWEEN IDEOLOGY AND SALARY: THE WORKERS' MOBILIZATION IN PETRÓPOLIS AND THE ALIANÇA NACIONAL LIBERTADORA

Eduardo de Oliveira¹

RESUMO

No contexto do embate entre a Ação Integralista Brasileira (AIB) e a Aliança Nacional Libertadora (ANL), no primeiro semestre de 1935, ambas as siglas envidaram esforços para congregar o maior número de filiados. Tal ocorreu também em Petrópolis (RJ) que foi, a um tempo, declarada “cidade verde”, pela AIB; e um dos mais importantes núcleos da ANL no estado do Rio. A reconstituição de eventos através da leitura de jornais de época mostra que, nesta cidade, a polarização gerou conflitos de rua, mortes e uma greve geral, com repercussão nacional. O movimento foi protagonizado por empregados da indústria têxtil, que constituíam o maior contingente operário local, muitos dos quais também eram, simultaneamente, filiados à Aliança. Apesar de constituir-se em mais um elemento na disputa política, a condução do movimento grevista aponta para uma dissociação entre os anseios do operariado local e objetivos pontuais de lideranças da ANL, bem como outros dirigentes políticos, malgrado seu esforço em protagonizar ou, pelo menos, conduzir o movimento.

Palavras-chave: Sindicato, Mobilização, Conflito político.

ABSTRACT

In the context of the conflict between the Brazilian Integralist Action (AIB) and Aliança Nacional Libertadora (ANL), during the first half of 1935, both parties made efforts to bring together the largest number of affiliates. This was also the case in Petrópolis (RJ), which was once declared a "green city" by the AIB; and one of the most important nuclei of the ANL. The reconstitution of events through reading newspapers of the time shows that, in this city, the polarization caused street conflicts, deaths and a general strike, with national repercussion. The movement was led by workers of the textile industry, who composed the largest local labor class, many of whom were affiliated with the Alliance. Despite being another element in the political dispute, the conduction of the strike movement indicates a dissociation between the wishes of the local workers and specific objectives of ANL leaderships, as well as other political leaders, in spite of their effort to lead, or at least, conduct the movement.

Keywords: Union. Mobilization. Political conflict.

¹ Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais da Fundação Getúlio Vargas (FGV)

1. INTRODUÇÃO

No primeiro semestre de 1935, o Brasil testemunhou o grande embate político partidário entre militantes da Ação Integralista Brasileira (AIB) e da Aliança Nacional Libertadora (ANL). O antagonismo estabeleceu-se em artigos de jornal, discursos em plenários da Câmara, propaganda e, principalmente, em comícios, alguns dos quais reunindo milhares de membros desta ou daquela agremiação. Mas, em alguns pontos do país, também chegou ao conflito de rua, com enfrentamento físico. Embora ocorrido num período relativamente breve (correspondente ao período de existência legal da ANL, de março a junho), o antagonismo foi suficientemente agudo para polarizar as tendências políticas do país: “Entre os meses de abril, maio e junho de 1935, ou se era integralista ou se era aliancista”, sintetiza Vianna (2007, p. 162).

É bastante significativo o número de obras que apresentam aspectos gerais ou específicos desta polarização. Poucas, no entanto, apontam especialmente para um dos momentos mais agudos do conflito, ocorrido na cidade de Petrópolis (RJ) no mês de junho. Nesta cidade, que era simultaneamente um dos principais centros da Aliança (em número de filiados) e sede da “província fluminense” integralista (havendo inclusive sediado o II Congresso Nacional da AIB, dois meses antes); ocorreram episódios muito relevantes para a compreensão dos fenômenos relativos ao embate AIB X ANL. E, mais ainda, para a compreensão dos possíveis papéis a serem exercidos, naquele contexto, pela classe trabalhadora organizada.

Dois deles destacam-se, e o primeiro diz respeito ao nível de violência. Embora em todo o país houvesse milhares de militantes de ambos os lados que se envolveram em conflitos de rua, em Petrópolis registraram-se duas mortes, talvez as únicas resultantes do embate entre integralistas e aliancistas. As vítimas foram assassinadas a tiros (em diferentes contextos) e eram um operário militante da ANL; e um policial, filiado à AIB.

O segundo evento relevante para o entendimento do conflito AIB-ANL, porém, diz respeito à mobilização dos trabalhadores locais. A morte do operário aliancista provocou uma greve geral na cidade de Petrópolis. Cerca de três mil operários paralisaram 22 fábricas de médio e grande porte. O movimento, que perdurou por 10 dias, ganhou notoriedade nacional, fez mover a máquina de repressão do Estado e elevou o tom da propaganda partidária de ambos os lados.

Trabalhos acadêmicos já se referiram aos eventos em Petrópolis, quase sempre salientando a atuação desta ou daquela liderança político-partidária, do Estado etc. Tais avaliações e pesquisas, porém, nem sempre se referem de maneira consistente aos reais protagonistas do episódio, isto é, os milhares de operários, filiados ou não à AIB ou à ANL. Eles constituíam considerável parte do contingente integralista na cidade; e, também, através de seus sindicatos, foram a essência para a criação do núcleo local da Aliança, constituindo a esmagadora maioria de seus filiados.

Considerando-se as práticas de mobilização vigentes em ambas as siglas (emissão de diretrizes a partir da alta hierarquia partidária; convocações; organização de eventos etc.), observáveis em incontáveis manifestações em todo país, talvez se pudesse considerar que se tratava de contingentes militantes minimamente disciplinados ou, pelo menos, concordantes quanto às “palavras de ordem” de suas lideranças. Em Petrópolis, porém, a greve geral mostrou que, ao menos para a Aliança, não era este o caso: o movimento começou e terminou da maneira e nos momentos definidos pelos próprios trabalhadores em assembleias locais, malgrado os esforços da direção nacional da ANL

de tentar conduzir seu rumo ou, ainda, instrumentalizar a luta em favor da propaganda política.

A pretensão ao reconstituir tais eventos é observar um episódio em que iniciativas da classe trabalhadora foram, como em incontáveis outros movimentos, motivadas por questões econômicas; mas que, embora definidas sob a influência de doutrinação partidária, tais iniciativas foram tomadas à revelia de eventuais objetivos da direção central da ANL.

2. O CENÁRIO

Fundada em 1843, por determinação do imperador Pedro II, Petrópolis cresceu rapidamente, seja quanto à sua população, seja economicamente (MARTINS, 1978). Ao contrário do que ocorria em incontáveis outras regiões do país, este crescimento não se deveu à produção agrícola ou extrativista. Já a partir da década de 1850, constituiu-se como local de veraneio não apenas para a família imperial como também para os mais expressivos representantes da elite econômica e política do país.

Dado isto, desenvolveu sua economia com base no comércio e na prestação de serviços (especialmente escolas e hotéis, que tinham nas classes mais abastadas seu principal público). Mas, a partir da década de 1870, a cidade inicia seu processo de industrialização. As primeiras unidades fabris, grandes para os padrões da época, chegavam a empregar centenas de funcionários. As maiores empresas eram as indústrias têxteis, que já no final do século XIX transformaram Petrópolis em um modesto, porém raro, polo industrial, em um país ainda fortemente voltado para a agricultura.

O estabelecimento das indústrias fez também surgir, obviamente, uma numerosa classe operária, fazendo crescer bairros periféricos, geralmente no entorno das unidades fabris – especialmente no distrito de Cascatinha; e nos bairros do Alto da Serra e Morin. Em Cascatinha localizava-se a maior das indústrias (a Companhia Petropolitana), que mantinha em média cerca de mil empregados (MARTINS, 1978).

Em meados da década de 1930, segundo uma estimativa local, havia em Petrópolis aproximadamente 8 mil operários empregados em 109 fábricas (ARBOS, 1943, p. 212). Uma estimativa do IBGE, de 1935, ainda aumenta um pouco a dimensão da mão de obra da indústria: em uma população aproximada de 84 mil pessoas, ao menos 63 mil estariam empregadas na força de trabalho local, dos quais aproximadamente 10 mil (ou 16%) em “indústrias de transformação”. Aproximadamente 4 mil destes empregados estariam trabalhando na indústria têxtil, especialmente nas seis grandes fábricas de tecidos locais, responsáveis por pouco mais de 3 mil postos de trabalho – e que colocavam o município na liderança da produção têxtil do Estado, segundo publicação do governo estadual (GAZETA MERCANTIL, 20 de agosto de 1937, p. 8).

Nas três décadas anteriores, porém, os trabalhadores da indústria têxtil local já articulavam sua organização. A Companhia Petropolitana testemunhou a primeira greve na indústria local (1891). Na década de 1910 surgem as primeiras associações de classe. Em 1920, funda-se a União dos Operários Têxteis e, em 1931, o Sindicato dos Operários em Fábricas de Tecidos de Petrópolis (SOFTP), reconhecido por parte do Ministério do Trabalho em 1934, conforme se atesta em incontáveis publicações ao longo deste período, seja na imprensa local, seja também em jornais da capital federal.

3. A AIB SE ORGANIZA

A Ação Integralista, criada em 1932, começa seu trabalho de arregimentação de filiados em Petrópolis pouco depois. Embora já houvesse manifestações integralistas na cidade desde 1933, foi no dia 7 de janeiro de 1934 que se oficializou a criação do primeiro núcleo municipal, sob a chefia do bancário Raymundo Padilha (JORNAL DE PETROPÓLIS, 14 de janeiro de 1934, p.1). Nos primeiros meses, a representatividade da AIB em Petrópolis ainda era bastante reduzida. Segundo investigação do Serviço de Ordem Política e Social (sem data, mas realizada provavelmente ainda no primeiro semestre de 1934), havia somente vinte integralistas entre os quase 90 mil habitantes de Petrópolis. A ocupação destes primeiros filiados dá uma ideia, ainda que muito incompleta, dos setores da sociedade local onde o ideário da AIB vinha encontrando receptividade: apenas um dos militantes tinha curso superior (um médico); uma era comerciante (a dona de uma floricultura) e outros três trabalhavam na prestação de serviços (um hoteleiro e dois bancários). Os demais eram seis operários, três comerciários, um mecânico, um bombeiro, um lavrador, um guarda noturno, um motorista, um sapateiro, um hoteleiro, um gráfico e um estudante².

O reduzido grupo inicial, porém, iria crescer devido às iniciativas para conquistar adeptos. Uma delas foi a criação de um jornal, em atendimento a uma recomendação de seu chefe supremo, Plínio Salgado. *A Marcha*, cuja primeira edição saiu em 19 de maio de 1934, tornou-se o porta-voz do movimento integralista em Petrópolis. Embora tenha havido, em todo o país, 138 publicações oficialmente vinculadas à AIB (OLIVEIRA, 2009) ao longo dos cinco anos de história do movimento integralista somente seis tiveram caráter eminentemente local – e, dentre eles, *A Marcha*.

O núcleo integralista em Petrópolis promoveu desfiles e palestras, devidamente anunciadas em outros jornais locais. Além disso, também criou uma escola noturna para adultos:

A escola não colocava como exigência para a matrícula a filiação ao integralismo, medida que não restringia o público alvo e que poderia ser uma oportunidade de conquista de novos adeptos ao movimento. Os objetivos da AIB na cidade, naquele momento, era angariar adesões de todas as camadas sociais, inclusive das camadas com um grau considerável de escolaridade. (OLIVEIRA, 2009, p. 33)

O esforço deu resultados. O movimento conquistou adeptos e foram fundados subnúcleos nos meses seguintes. Os dois primeiros iriam surgir justamente no bairro do Itamaraty e no vizinho distrito de Cascatinha, cujos moradores, em sua grande maioria, eram empregados ou vinculados à Companhia Petropolitana (A MARCHA, 8 de agosto de 1934, p. 1). Parece pertinente deduzir que a iniciativa de organizar estes subnúcleos especificamente em áreas de grande concentração operária manifestava algum objetivo de articular a AIB com as questões trabalhistas, e em particular com empregados da indústria têxtil – embora o sindicato da categoria, mais tarde, viesse a servir de esteio à organização da ANL no município, mostrando-se francamente hostil à AIB.

² Prontuário número 8/11823 – sem data, SOP (Arquivo Público do Estado do Rio).

A instalação do subnúcleo do Itamaraty parece ter sido particularmente bem sucedida: na greve de junho de 1935, subsequente aos conflitos de rua, todas as fábricas de Petrópolis entraram em greve, em apoio à ANL, à exceção da Fábrica de Papel do Itamaraty, cujos funcionários seriam, em sua maioria, integralistas. Destaque-se, ainda no âmbito das relações entre integralismo e as questões trabalhistas, que a criação do primeiro Sindicato dos Bancários de Petrópolis foi uma iniciativa do chefe municipal da AIB, Raymundo Padilha, ele próprio funcionário do Banco do Brasil (A OFFENSIVA, 12 de novembro de 1934, p. 1).

Em março de 1935, milhares de integralistas de todo o país estiveram em Petrópolis para a realização do II Congresso Nacional da AIB. Liderados por Plínio Salgado, participaram de grupos de trabalho, palestras e marchas ao longo da Rua do Imperador, a principal da cidade. Na abertura do evento, no palácio de Cristal (hoje ponto turístico), Salgado declarou Petrópolis como “cidade verde”.

O título de “cidade verde”, equivalente ao de “cidade integralista”, foi atribuído pela AIB a diversas cidades em todo o país e tinha relação com a quantidade de partidários. Embora não seja possível determinar um número preciso de filiados em Petrópolis, quando da realização do II Congresso Nacional o núcleo local era considerado um dos maiores (senão o maior) do Estado do Rio (ou “província fluminense”, na nomenclatura da AIB). A imprensa integralista, não raro, eventualmente sugeria haver por volta de dois mil filiados em Petrópolis, número que vai ao encontro das estimativas do próprio Plínio Salgado:

Quando ofereci 100 mil homens ao sr. presidente da República, para a defesa da dignidade dos lares brasileiros, houve quem sorrisse com mal informada ironia (...). Ora, existem municípios como (...) Petrópolis (...) que contam de 1.000 a 4.000 integralistas. Outros, como Blumenau, superam os 5.000 (A OFFENSIVA, 23 de setembro de 1935, p. 1).

Em virtude desta imprecisão sobre o número de filiados, é preciso lançar mão de outros subsídios. para avaliar o tamanho ou a relevância da AIB em Petrópolis. Nas eleições de 1936 o candidato integralista à prefeitura, Figueira de Melo, obteria escassos 341 dos 6.240 votos válidos. Na eleição para a câmara municipal, dentre os 6.719 mil votos de eleitores petropolitanos a AIB obteve um total de 994, elegendo apenas dois dentre 16 vereadores (A OFFENSIVA, 13 de março de 1936, p. 1). Considerando esses dados (aqui tomados, de forma apriorística, como reflexo de fidelidade partidária), e mesmo contabilizando as mulheres (de expressiva participação no movimento, mas para quem o voto era então facultativo e permitido apenas às casadas ou que tinham renda própria) e os jovens, parece razoável supor que o número integralistas na cidade possivelmente superaria mil pessoas, mas não chegaria a duas mil – talvez nem mesmo 1.500, em uma avaliação conservadora. Vale lembrar que dificuldade em precisar o total de filiados não se restringe a Petrópolis, constituindo-se também em uma incógnita no âmbito nacional. Até a decretação do Estado Novo, em 1937 (com a subsequente extinção da AIB), teria havido entre “entre 600 mil e um milhão” de camisas verdes³.

³ “Anos de incerteza: Ação Integralista Brasileira”. Disponível em <<https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/anos30-37/RadicalizacaoPolitica/AIB>>.

4. A MOBILIZAÇÃO PELA ALIANÇA NACIONAL LIBERTADORA

Enquanto a AIB realizava seu II Congresso Nacional no Palácio de Cristal, a alguns quilômetros dali, no distrito de Cascatinha, aproximadamente 700 operários da maior indústria de Petrópolis cruzavam os braços. Os operários da Companhia Petropolitana protestavam devido a um comunicado da gerência da empresa, informando que os empregados teriam folga na quarta-feira de Cinzas – mas que teriam de compensá-la trabalhando uma hora a mais nos dias subsequentes, o que gerou grande insatisfação (JORNAL DE CASCATINHA, 18 de março de 1935, p. 1).

Mas, em algum nível, a greve também protestava contra a realização do congresso integralista. “Uma inscrição no chão”, surgida nos arredores da fábrica naquele mesmo dia, associava a paralisação a um protesto contra a AIB: “Muitos operários da Petropolitana rabiscavam injúrias aos integralistas nos muros de Cascatinha, em um confronto trazia marcos ideológicos protagonizados pelos operários” (MESQUITA, 2012, p.78). Greves e mobilizações, conforme já observado, não eram incidentes incomuns para os operários têxteis de Petrópolis, mas aquele parecia ser um novo momento em sua trajetória.

Os anos 30, porém, trazem maior politização e reivindicação por parte do operariado. Ainda que houvesse uma postura que trazia marcas de “submissão”, passou a se organizar sistematicamente os movimentos grevistas dentro da Companhia Petropolitana por meio da atuação do sindicato, criado em 1931 (MESQUITA, 2012, p. 119).

Importa aqui, em especial, reconstituir a atuação dos sindicatos petropolitanos, destacando-se o SOFTP como a estrutura para a constituição do núcleo Aliança Libertadora Nacional em Petrópolis. É na sede do sindicato que passará a funcionar o núcleo da ANL, a partir de abril de 1935. Em uma cidade onde boa parte da mão de obra estava empregada em fábricas, o perfil operário do aliancista petropolitano parece desassociar-se do quadro nacional ou, ainda, aproxima-se mais dos métodos da ANL da industrializada São Paulo do que dos núcleos cariocas ou fluminenses:

A atividade da ANL em todo o Brasil era diferenciada. As células paulistas denunciavam as condições de trabalho e defendiam um salário mínimo para trabalhadores manuais; no Nordeste, a ANL atacava a corrupção governamental e a exploração do trabalho rural; e no Rio de dava-se ênfase às liberdades civis. Apesar de ter conseguido realizar na base um recrutamento popular (atraindo mais trabalhadores manuais que operários) a liderança permaneceu sempre nas mãos de setores das classes médias e classes médias altas (PINHEIRO, 1991, p. 272).

Com efeito, conquanto a direção nacional da sigla fosse conduzida por representantes da classe média (com destaque para profissionais liberais e militares), na sede petropolitana os operários sempre ocuparam quase todos os cargos. Diferenças à parte, estudos sobre a ANL convergem para um ponto comum: sua heterogeneidade. Trata-se de uma

Organização política de âmbito nacional fundada oficialmente em 12 de março de 1935 (...). Constituiu uma frente ampla em que se reuniram representantes de diferentes correntes políticas — socialistas, comunistas, católicos e democratas — e de diferentes setores sociais — proletários, intelectuais, profissionais liberais e militares —, todos atraídos por um programa que propunha a luta contra o fascismo, o imperialismo, o latifúndio e a miséria. Foi fechada em 11 de julho de 1935, continuando a atuar na clandestinidade até a eclosão da Revolta Comunista, no mês de novembro do mesmo ano. (Centro de Pesquisa e Documentação da Fundação Getúlio Vargas. Dicionário Histórico Bibliográfico Brasileiro).

Não há consenso entre os pesquisadores quanto à inserção partidária nos sindicatos, nem quanto ao papel do Partido Comunista na criação da ANL. A reconstituição de eventos e sua análise a partir da bibliografia é, na maioria das vezes, de alguma maneira vinculada ao papel do PCB no movimento — que, em boa medida, toma os eventos relacionados à Aliança como um capítulo na longa história do Partido Comunista. Daí destacar, desde já, a preponderância de obras que, de alguma forma, “subordinam” a história da Aliança à do partido. Embora haja o entendimento consensual de que a ANL se constituía em um movimento de oposição ao integralismo (ou antifascista) e bastante heterogêneo quanto à composição de seus quadros, destacam-se ao longo das últimas décadas as pesquisas que observam com mais acurácia a participação dos comunistas e trotskistas na concepção da frente ampla; sua articulação com os meios operários (ou mesmo com as “massas”); e seu eventual protagonismo na luta antifascista e de oposição ao regime. O debate é enriquecido igualmente com avaliação sobre o suposto papel revolucionário da ANL, que teria sido de inspiração puramente comunista, resultando na chamada “intentona” de novembro de 1935.

No âmbito de Petrópolis, há poucas pesquisas referenciais neste sentido — e, em boa medida, marcadas por imprecisões e contradições. Tanto Mesquita (2012) quanto Machado (2008), autores de sólidas dissertações sobre movimento operário petropolitano nos anos 1930, sugerem ter havido influência do PCB (através da ANL) na atuação dos sindicatos locais, malgrado a ausência de fontes comprobatórias.

A dificuldade de se definir um papel relevante dos comunistas em Petrópolis no núcleo local da ANL, portanto, é talvez reflexo do problema maior, que é determinar com clareza o papel do PCB na criação, organização e desenvolvimento da Aliança, sigla na qual os comunistas surgem, segundo a obra que se consulta, ora como protagonistas (tal como em “História e memória do PCB”, de Dulce Pandolfi; ou “A revoada dos galinhas verdes”, de Fúlvio Abramo; ou “ANL e PCB — mitos e realidade”, de Valter Freitas), ora como coadjuvantes (como em “Revolucionários de 1935: sonho e realidade”, de Marly Vianna) ora como inconvenientes aliados (como em “Camaradas”, de Willian Waack). Mas, da mesma forma que é temerário atestar o protagonismo do PCB na questão sindical em Petrópolis nos anos 1930, seria igualmente impróprio descartar a presença de comunistas ou sua atuação neste processo — ou, ainda, no processo subsequente, que viria a ser o estabelecimento da Aliança na cidade.

Com ou sem a presença de comunistas, é fato que, mesmo no seu pouco tempo de existência (abril a julho de 1935), o núcleo da Aliança em Petrópolis tenha sido tão bem sucedido no quesito mobilização popular, particularmente junto à classe operária — uma área de atuação na qual o PCB, na mesma época, e por motivos que não cabem no corpus deste artigo, se mostrou, no mínimo, bastante problemático-

Ressalte-se que o sucesso da ANL em Petrópolis não deve ser avaliado apenas, conforme já citado, segundo o expressivo número de filiados atingido. Mas também pela sua rápida articulação: criado em meados de abril, o núcleo fundaria, nas três semanas seguintes, subnúcleos em vários pontos no município, incluídos aí Cascatinha, Pedro do Rio e São José do Vale do Rio Preto, o mais distante – setores onde, reitera-se, os integralistas já estavam representados desde o ano anterior. Além disso, promoveu expressivas manifestações:

Em Petrópolis os comícios sempre contavam com a presença de membros do Diretório Nacional [da ANL], destacando-se a figura de Roberto Sisson, presente até mesmo na organização da ANL nos bairros e distritos petropolitanos. A presença constante de figuras conhecidas da ANL, como Carlos Lacerda e Ivan Pedro Martins, revela a importância da cidade na estratégia aliancista de combate ao integralismo (MACHADO, 2008 p. 79).

O autor destaca em particular dois comícios – em 1º de maio, dia do Trabalho, na praça da Liberdade, com a participação de duas mil pessoas, tendo entre os oradores Roberto Sisson, um dos signatários da carta de intenções de fundação da ANL e diretor geral da sigla, frequentemente identificado como um de seus líderes nacionais. O outro, em 12 de maio, em homenagem à abolição da escravatura, reuniu outras três mil pessoas que ouviram discursos do estudante Carlos Lacerda (então filiado ao PCB) e do tenente João Cabanas, figura lendária da “Coluna Prestes”.

Em pouco menos de 3 meses e meio de vida legal, a ANL chegou a fundar mais de 1,6 mil núcleos em todo o território nacional, atingindo na capital da República 50 mil inscritos e, na cidade de Petrópolis (RJ) 2,5 mil aderentes, segundo Roberto Sisson, secretário-geral da entidade (PRESTES, 2006, p. 32).

Não há dúvidas de que a popularidade dos oradores e os esforços de mobilização tiveram papel fundamental nos eventos promovidos pela ANL em Petrópolis. Mas, frise-se, e conforme observado anteriormente, a hipótese aqui considerada é a de que o fator fundamental para o sucesso na arregimentação de significativo número de adeptos para a Aliança em Petrópolis, e em curto espaço de tempo, deveu-se menos à ação de lideranças ou partidos (comunista ou não) do que a uma estrutura de mobilização previamente construída pelos trabalhadores e, posteriormente, pelos seus sindicatos locais. Considerada esta premissa, o envolvimento de milhares de indivíduos num esforço de mobilização que não durou sequer três meses não poderia mesmo ser um fenômeno avaliado apenas sob o ponto de vista “ideológico” – e, menos ainda, partidário – ainda que a causa em questão, o antifascismo, fosse um fator catalisador suprapartidário.

Neste momento, e apesar de eventuais divergências pontuais, vale novamente citar a notável pesquisa de Machado (2008) – agora para corroborar uma de suas premissas, ponto de indiscutível convergência: lembrando que “o único setor mais organizado era o dos operários têxteis, cuja sede era utilizada pela ANL”, o autor afirma que, em Petrópolis, “o papel de liderança da ANL foi exercido pelo movimento operário”:

A ANL canalizou a luta dos setores populares contra todo o conservadorismo existente na cidade. Esta luta foi liderada pelos operários que conseguiram ultrapassar as barreiras do economicismo travando uma batalha também no plano político e cultural (MACHADO, 2008, p. 97 - 98).

Para a “massa” de operários petropolitanos, portanto, esta luta ocorria entre o entusiasmo, possivelmente idealista, e a sobrevivência: questões-partidárias, embutidas do discurso antifascista da ANL; e questões materiais, vinculadas às condições de trabalho, convergiam para o mesmo ponto, no qual não seria possível definir com clareza se a motivação dos operários é política ou salarial – ou ambas.

5. A GREVE

O tecelão Leonardo Candú, 29 anos, era casado e tinha três filhas. Em 1935, trabalhava na Fábrica de Tecidos Dona Isabel, em Petrópolis. No dia 9 de junho, era mais um dentre milhares de anônimos militantes da Aliança Libertadora Nacional. Mas, no dia seguinte, seu nome estava na primeira página dos principais jornais do país: o tecelão havia sido morto, com um tiro na cabeça, na rua do Imperador, em Petrópolis. O disparo partiu da sede da Ação Integralista Brasileira, em frente da qual Candú e outros milhares de aliancistas protestavam contra o fascismo. Outros dez manifestantes foram feridos. O autor do disparo nunca seria identificado e o crime nunca seria punido. A morte do operário motivou uma greve geral que paralisou a indústria de Petrópolis por dez dias – e, no âmbito nacional, serviu como mais combustível à tensão política que envolvia o governo, a AIB e a ANL (OLIVEIRA, 2018).

“Assassinos!”, anunciava, em 11 de junho a manchete em oito colunas do carioca *A Manhã*, jornal porta-voz da ANL. “Corre o sangue dos libertadores na luta pela a libertação do Brasil!”, bradava a linha de apoio. Mais comedida, a manchete de *A Noite* avaliou, já no dia 10, que estava “Carregado, (sic) o ambiente em Petrópolis”. A manchete do *Correio da Manhã* (dia 10) informava: “Petrópolis teatro de graves acontecimentos”, embora ressaltasse, em chamada menor, que o clima da cidade já voltava a ser de tranquilidade. *O Jornal*, veículo dos Diários Associados de Assis Chateaubriand, foi o que efetuou a cobertura mais completa, com fotos e diversas entrevistas a respeito do incidente. Chegou às ruas no dia 11 com a manchete “Petrópolis teatro de sangrentos acontecimentos”.

O comício do dia 9 seria a quarta grande manifestação da ANL organizada em Petrópolis desde maio. A mais recente havia ocorrido no dia 1º de junho, em atendimento a uma convocação da direção nacional da Aliança dirigida a todas as sedes municipais. Tratava-se de um desagravo a Luiz Carlos Prestes devido à publicação, no dia 25 de maio, de um artigo de Plínio Salgado, divulgado pela imprensa integralista. Nele, o chefe supremo da AIB definia o “cavaleiro da esperança” como o “cavaleiro da triste figura”.

Em Petrópolis, a manifestação organizou-se como uma reunião, marcada para a sede do SOFTP, que acabou se transformando em um comício, na praça da Liberdade, com aproximadamente dois mil manifestantes segundo a *Tribuna de Petrópolis*, em sua edição de 3 de junho: Pela utilização de um adjetivo, Salgado foi alvo de um dilúvio de

vários outros, e o panfleto de convocação produzido pelo diretório municipal de Petrópolis é apenas um breve exemplo:

Aliança Nacional Libertadora

Hoje, sábado, 1º de junho

Grande reunião de protesto!

Às sete horas da noite em nossa sede (...)

Contra o ultraje e enxovalhamento atirado contra a **Aliança Nacional Libertadora**, e ao mais digno e maior revolucionário brasileiro, conhecido até hoje, através da história nacional, na pessoa do **General Luiz Carlos Prestes**. Ultrajados pelos tenebrosos asseclas do sigma nefasto e sádico do integralismo grasso e mistificador, segregação de todas as verdades populares.

Petropolitanos!

De todas as profissões, cores ou raças, independentes e de vossos credos políticos ou religiosos, proletários, estudantes, médicos, professores, intelectuais, militares, comerciantes, pequenos proprietários e industriais; trabalhadores rurais e camponeses:

Vinde todos

A esta grande reunião, trazendo o vosso protesto, concorrendo com a vossa partícula de civismo em desagravo ao maior e mais nobre nome que, como soldado, já possuiu o exército nacional.

BRASILEIROS: todos pela defesa da **ANL** em prol da libertação do Brasil e do seu povo⁴ [destaques no original].

Uma análise, ainda que superficial, sobre este “discurso” desvela algumas particularidades. A primeira é que a convocação associa diretamente Prestes à ANL sem, no entanto, apontar seu vínculo efetivo à sigla – embora, ainda que ausente do Brasil, ele tivesse sido aclamado como seu “presidente de honra” quando da fundação da Aliança, em março (DULLES, 1977). A segunda é que o desagravo a Prestes não era, nas palavras da ANL, uma questão partidária ou de classe social – mas uma questão nacional ou, ainda, patriótica. Surge ainda uma certa provocação ao Exército, num texto que “concede” a Prestes a patente de general e define-o como “o maior e mais nobre nome” que a força já possuiu. Destaque-se, ainda, que não há referências a reivindicações locais ou de classe.

Na convocação para o comício do dia 9, o tom do discurso muda um pouco – e o apelo em torno da homenagem do líder dá lugar a um outro nível para a convocação. Provavelmente animados pelo sucesso do evento anterior, quando uma “grande reunião” na sede do SOFTP tornou-se um bem-sucedido protesto de rua, desta vez o apelo do panfleto é para um “comício colossal”.

⁴ Disponível em Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro: <http://www.rj.gov.br/web/casacivil>.

Povo de Petrópolis

A Aliança Nacional Libertadora convida o povo petropolitano a se reunirem (sic) domingo, 9 do corrente, na praça D. Pedro II para a manifestação de um

COMÍCIO COLOSSAL DE PROTESTO

Contra o imperialismo; contra o latifúndio; contra o integralismo fascista e de apoio aos heroicos operários têxteis que lutam neste momento por vida mais digna e mais humana (...)

Após o comício será realizada uma passeata até a estação e dali até a sede do valoroso Sindicato dos Operários em Fábricas de Tecidos e da ANL de Petrópolis, onde o povo ouvirá uma conferência popular (...)

BRASILEIROS HONESTOS!

A redenção da verdadeira pátria cabe a cada cidadão, combatendo em frente única dentro da ANL contra o trio nefasto, o imperialismo, o latifúndio e o fascismo com rótulo de integralismo

Pela anulação das dívidas externas!

Peça nacionalização dos bancos e empresas estrangeiras!

Pela libertação social e econômica dos lavradores e operários!

Por pão – terra e liberdade

Secretaria de Propaganda da ANL – Petrópolis⁵ [destaques no original].

Novamente, malgrado o risco de superficialidade, uma leitura do texto permite a identificação de três “momentos”, em que se identificam ecos de três diferentes discursos, então convergentes. O primeiro, por óbvio predominante, é da própria ANL, com a citação pontual de itens do seu programa – “contra o imperialismo”, “contra o fascismo”, “anulação de dívidas”, “nacionalização dos bancos”. Sugere-se ainda que aos “brasileiros honestos” que desejassem “combater” pela pátria não haveria alternativa senão fazê-lo “dentro da ANL”.

Em um segundo momento do texto, e ao contrário do registrado na convocação para o evento do dia 1º, há a clara associação do programa da ANL às questões locais, notadamente trabalhistas, dada a citação do “valoroso” sindicato e o apoio aos “heroicos” operários que “lutam”.

E, por fim, um terceiro momento permite vislumbrar a tão citada influência comunista: o trecho final, destacado do restante do texto, com o dístico “pão, terra e liberdade”, então recentemente adotado pela ANL, era uma óbvia alusão ao lema “paz, terra, pão, liberdade e trabalho”, lançado pelos bolcheviques russos em 1917.

Já na madrugada do dia 9 ocorreu o primeiro incidente de violência: três “aliancistas”, que colavam cartazes de convocação para o comício na rua do Imperador, foram hostilizados por “camisas verdes”. A *Manhã*, possivelmente com algum exagero, afirma que 21 integralistas com armas de fogo dispararam contra os adversários. Houve

⁵ Disponível em Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro: <http://www.rj.gov.br/web/casacivil>.

duas vítimas: um aliancista, com ferimentos leves; e um integralista, Matheus Hang, de 21 anos, que foi esfaqueado na barriga e internado no hospital. Ninguém foi baleado.

Segundo a programação anunciada para o comício do dia 9, após a fala do último orador os manifestantes deixariam a praça, em direção à sede do SOFTP (a 300 metros dali), onde ocorreria uma palestra, encerrando o evento. Embora fosse domingo, entre 2 mil e 5 mil (segundo as estimativas dos diferentes jornais) pessoas compareceram à praça. Duas presenças se destacavam: o tenente (eventualmente citado também como coronel) João Cabanas; e, entre os oradores, o dirigente da ANL Roberto Sisson.

A manifestação, “que se caracterizou pela linguagem violenta”, segundo *O Jornal* (11 de junho de 1935, p. 1), terminou por volta das 18 horas, momento em que “os ânimos estavam exaltados”. Mas, em desacordo com a programação original, a multidão deixou a praça para tomar um outro rumo: “[...] resolveram os dirigentes fazer uma passeata pela rua do Imperador, rua Cruzeiro (atual Néelson Sá Earp) e até o Largo Dom Affonso” (atual praça da Liberdade), informa ainda *O Jornal*. Devido a esta mudança, os aliancistas passariam, obrigatoriamente, em frente à sede da AIB, um sobrado (hoje inexistente) na esquina da rua do Imperador com a rua Cruzeiro. Prossegue *O Jornal*: “Em frente à sede, fizeram os manifestantes uma ligeira parada, tendo os mais exaltados dado ‘morrás’ ao integralismo”. Do sobrado, de portas e janelas fechadas e luzes apagadas, “não se registrou qualquer reação”, num primeiro momento. Quando os aliancistas começavam a se mover em direção à praça da Liberdade, teriam vindo, de dentro as venezianas do sobrado, os primeiros tiros. “Alguns dos manifestantes fizeram revide com suas armas”, mas a multidão se dispersou em pânico. Instantes depois, além do corpo de Candú, jaziam no local 10 feridos. Em depoimentos recolhidos pelos jornais, aliancistas que participaram dos acontecimentos afirmaram que os integralistas usaram até granadas.

Os integralistas, através do *Diário de Notícias* e do *Correio da Manhã*, iriam divulgar, dois dias depois, a sua versão dos acontecimentos. Segundo Eurípedes Cardoso de Menezes, secretário de Estudos e Propaganda da Província Fluminense da AIB (e que não testemunhou o incidente), tratou-se de legítima defesa contra os “comunistas” da ANL, que teriam iniciado o conflito, atacando a sede integralista a tiros. Uma versão que, como seria possível supor, era também uma troca de acusações:

Diante disso, o que poderiam esperar? Palmas? Flores? Adesões? [...] A história de fazermos uso de granadas de mão e de metralhadoras é apenas irrisória. Granadas de mão e metralhadoras e morrer um só? Por que não dizer logo que os integralistas se defenderam com ‘tanks’ e canhões? (...) Exploram agora os comunistas o cadáver do pobre operário Candú, cuja morte também lamentamos (...) Nos acusam da morte de Candú, quando os últimos culpados pela morte do desventurado homem são os comunistas Cabanas e Sisson (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 13 de junho, p. 3)

Horas depois, os operários estariam reunidos na sede do SOFTP, onde decidiram por uma paralisação geral no dia seguinte (segunda-feira), em homenagem ao companheiro morto, no dia de seu sepultamento. Ainda na noite de domingo, Sisson procurou o delegado Toledo Piza, exigindo que a polícia “varejasse” a sede da AIB, onde, garantia o líder aliancista, obviamente seria encontrado armamento pesado. A

polícia foi ao local, mas nada encontrou. Raymundo Padilha, o chefe do núcleo integralista, foi interrogado e liberado (A MANHÃ, 11 de junho de 1935, p. 3). A sede do SOFTP passa a receber incontáveis telegramas de solidariedade de outros sindicatos e organizações trabalhistas e antifascistas. Núcleos da Aliança em várias partes do país anunciaram protestos em solidariedade aos aliancistas de Petrópolis. O Diretório do Distrito Federal da ANL iniciou uma campanha de uma subscrição em favor da família de Candú (Idem, p. 8).

No dia 10, conforme o previsto, a cidade amanheceu paralisada. Aproximadamente duas mil pessoas compareceram ao sepultamento de Candú, cerimônia que transcorreu sem incidentes. À noite, porém, em outra reunião no SOFT o cenário mudou drasticamente: foi decidida a manutenção da paralisação, agora por tempo indeterminado. O encontro, reconstituído pelo *Correio da Manhã*, começou às 19h30, durou três horas e consistiu na fala de “diversos oradores” que homenagearam Candú. Ao fim do encontro, por aclamação, decidiu-se pelo prosseguimento da paralisação por tempo indeterminado. Ninguém assumiu publicamente a proposta aprovada na reunião:

No sindicato, em cuja reunião ontem estivemos, tentamos ouvir uma opinião a respeito. De todos a quem nos acercávamos, recebemos evasivas. Da greve – disseram-nos – a palavra de ordem viera do Rio.

- Mas de quem, no Rio? – insistimos.

A pergunta ficou no ar. Todos fugiam ao esclarecimento que buscávamos (CORREIO DA MANHÃ, 11 de junho de 1935, p. 3).

Os funcionários da fábrica Aurora, que já estavam em greve desde maio, horas antes haviam distribuído um comunicado que, aparentemente, demonstra a mescla, naquele momento, das reivindicações trabalhistas locais e a questão política:

Os verdadeiros culpados dos (sic) operários entrarem nesta luta em que tomaram, sem vida, populares são os senhores diretores da Fábrica Aurora que, em vez de atender o pequeno pedido de aumento feito pelos seus tecelões nos seus minguados salários negam-se a aumentar (...). o gerente da fábrica Aurora VL de Menezes é integralista e, como tal, mata a tiros os operários que pedem mais pão (A MANHÃ, 12 de junho de 1935, p. 7).

O informe não houve qualquer referência ao SOFTP ou à ANL. Mas, de certa forma, renunciou a posição que o sindicato tomaria. À tarde do dia 11, manifestos distribuídos pelo sindicato – um ao “povo em geral e outro aos trabalhadores em particular foram elaborados e profusamente distribuídos” (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 12 de junho de 1935, p. 1) anunciavam a greve geral por tempo indeterminado. No comunicado ao operariado, convoca-se a paralisação em virtude da motivação política, de mistura com questões trabalhistas. O texto, lacônico, volta-se não apenas para o “companheiro” têxtil – porque se encerra conclamando os “trabalhadores”, com uma outra “palavra de ordem” que ecoa o próprio Marx: “Companheiro! A greve geral continua de pé. Até a conquista das nossas reivindicações imediatas. Pela dissolução

dos bandos integralistas. Trabalhadores, uni-vos” (idem). Nenhum outro comunicado do sindicato ou notícias dos jornais utilizados nesta reconstituição informa em detalhes das reivindicações apresentadas, a não ser o fechamento da sede da AIB local.

O dirigente nacional da ANL Roberto Sisson, que tão ativamente participou do evento político do dia 9, três dias depois reconhece a mudança de rumos na mobilização operária: “A greve se inicia por causa de Candú, mas continua por uma questão econômica” (A PÁTRIA, 1935 apud MACHADO, 2008). No mesmo dia, outro jornal divulgava a opinião do integralista Raymundo Padilha: “A situação reinante é puramente artificial. Faça um inquérito entre operários e industriais e o senhor concluirá que uma e outra classes querem trabalhar. Não pensam em greves cujos objetivos desconhecem. O operário de Petrópolis é um dos mais pacíficos que eu conheço” (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 12 de junho de 1935, p. 6).

A paralisação atingiu 22 fábricas, a maioria têxteis. Os bancários e os padeiros também aderiram parcialmente. Segundo *A Noite* (edição de 12 de junho, página 2), uma considerável parcela destas categorias era composta de integralistas que, portanto, não iriam apoiar a greve, tendo inclusive solicitado garantias da polícia para continuar trabalhando. A Fábrica de Papel do Itamaraty, considerada uma “célula” integralista, segundo o jornal, continuou em funcionamento. Idem para uma pequena empresa (a Fundação Petrópolis, a única do município, que funcionava no vizinho bairro da Provisória), que também se anunciou contrária à paralisação.

Ferrovários e eletricitários locais anunciaram solidariedade. Nos primeiros dias, boa parte do comércio fechou as portas – menos por solidariedade e mais pelo temor de novos confrontos, ainda segundo os jornais. Em suas páginas, multiplicam-se anúncios de protestos em solidariedade aos eventos em Petrópolis (e à paralisação por tempo indeterminado) promovidos por núcleos da Aliança em todo país.

O que poderia ser considerado “apenas” um isolado confronto de rua entre AIB e ANL tomou outras proporções devido ao anúncio da greve geral. A situação em Petrópolis seria debatida na Câmara de Vereadores do Rio. No Congresso Nacional, deputados votam um requerimento de informações ao Ministério da Justiça, exigindo esclarecimentos sobre os incidentes na cidade – especialmente no tocante à existência de armamento pesado na sede da AIB.

A Associação Comercial e Industrial vinha acompanhando os acontecimentos com atenção. Ainda no dia 10, quando até o prudente *A Noite* chegava às bancas com títulos ameaçadores (“Tudo fechado! Paralisada a vida no centro de Petrópolis na expectativa de novos e graves acontecimentos - o aspecto da cidade é de intranquilidade. As ruas desertas demonstram o pânico que assaltou a população”). Enquanto isso, o mais graduado dirigente aliancista fomentava o clima de enfrentamento político: “Os operários (...) ouviram o chefe do núcleo da ANL nesta cidade, capitão Sisson, que os concitou a formar brigadas de defesa da cidade” (A NOITE, 13 de junho de 1935, p. 1).

Fosse pela suposta sugestão para a criação de “brigadas de defesa”, feita por Sisson no dia 10; fosse (o que é mais provável) pelo anúncio da greve por tempo indeterminado, no dia 11, o papel do poder público iria tomar outra configuração no dia seguinte: contingentes do Exército e da polícia são deslocados para a cidade, cuja delegacia local contava com apenas 8 homens, segundo Camacho (Idem, p. 3). Outros 54, da Força Pública, seriam deslocados de Niterói. Soldados de Juiz de Fora e Rio também seguiriam para a cidade, segundo os jornais. O 1º Batalhão de Caçadores,

sediado em Petrópolis, e que estava no Rio para uma solenidade, é trazido às pressas para sua base e passa a patrulhar as ruas a cavalo. Policiais “desfazem ajuntamentos considerados suspeitos” e as fábricas em greve passam a ser guardadas dia e noite por policiais (Ibidem, p. 1). O *Correio da Manhã*, no dia 18, avaliaria que 120 policiais de outros municípios estavam atuando em Petrópolis.

No dia 14, três dias após o anúncio da greve geral, o diretório municipal da ANL no distrito federal divulga um manifesto dirigido “ao povo de Petrópolis”, no qual manifestamente ignora a dimensão do movimento. O documento é outra boa amostra de um momento em que as motivações para a greve em Petrópolis eram apresentadas pela ANL mesclando questões políticas e de viés sindical e trabalhista. No mais, nem uma palavra sobre a greve geral, que a direção da Aliança, no Rio, define como “greve econômica”. Embora faça referências a baixos salários, segundo os aliancistas cariocas, a principal motivação dos correligionários petropolitanos era o fechamento da sede local da AIB:

Desejamos que qualquer pessoa prove ser legal o funcionamento da sede integralista, depósito de armamentos proibidos na lei. [...] Os integralistas entrenchados em sua sede assassinaram covarde e vilmente a Leonardo Cantú (sic), feriram várias pessoas. A greve econômica foi decretada pelo proletariado e pelo povo petropolitano. Esta greve está sendo dirigida pela CSUB. [...] é justo um homem pai de família ganhar mensalmente menos de cem mil réis? Os integralistas assassinos, covardes e traidores estão de acordo com isso [...]. O povo exige que os bandos integralistas sejam desarmados e dissolvidos [...] E entregando a direção de seu movimento em prol de suas reivindicações econômicas à CSUB, os operários de Petrópolis estão no seu direito (A MANHÃ, 13 de junho de 1935, p. 1).

A citação da CSUB (Confederação Sindical Unitária do Brasil) vale uma importante observação. Trata-se de uma “organização sindical de orientação comunista fundada em 30 de abril de 1935 no Rio de Janeiro, então Distrito Federal, com o objetivo de promover e coordenar a mobilização operária em todo o país. Era ligada à Aliança Nacional Libertadora”, segundo o Dicionário Histórico Bibliográfico Brasileiro CPDOC/FGV. Outra informação sobre a história da organização, no mesmo verbete, assinala: “No dia 9 de junho, a CSUB, juntamente com os aliancistas, *organizou* em Petrópolis (RJ) uma concentração anti-imperialista” (idem, grifo meu). Esta informação não se confirma nem mesmo nas páginas de *A Manhã*, então identificado como “diário porta-voz do movimento aliancista no Rio”.

A referência à CSUB confirmaria, enfim, a presença e atuação de comunistas em Petrópolis. O linotipista Iguatemy Ramos da Silva, membro do PCB e diretor da Confederação, havia ido a Petrópolis para falar no comício do dia 9. Sobre a greve geral, Iguatemy deu uma declaração à *Manhã*, esforçando para salientar o seu protagonismo no movimento (ou, talvez, o da Confederação; ou o da Aliança; ou o dos comunistas). Mas, ao mesmo tempo, reconhecia que a decisão pela greve não havia definido por qualquer “palavra de ordem” da Confederação ou da ANL:

[...] o comício ficará assinalado como o maior e o mais empolgante daquela cidade [...] metralhadas mulheres e crianças, os trabalhadores decretaram a

greve geral. A Confederação Sindical Unitária assumiu a direção do movimento, como lhe competia transformando-o numa ação concreta pelos direitos dos têxteis e principalmente numa luta decisiva contra os arreganhos do sigma, com a formação de brigadas de defesas populares (A MANHÃ, 13 de junho de 1935, p. 1).

Há aí pelo menos três pormenores a serem observados. Primeiramente, não houve “mulheres e crianças metralhadas”. Tampouco formação de brigadas de defesa. E, por fim: se a direção da greve foi de fato “assumida” pela CSBU isto não será confirmado em nenhum anúncio do SOFTP, da ANL ou em qualquer notícia posterior.

O movimento operário e a greve seguem passando despercebidos nos pronunciamentos da ANL. Dias após o anúncio da greve geral, a Aliança fez circular no Rio e em São Paulo uma significativa convocação a “todos os têxteis” na qual parecia bem mais importante destacar somente o caráter antifascista do movimento em Petrópolis e, tanto quanto possível, reduzir as questões operárias locais a um recurso retórico. A mobilização dos operários petropolitanos, ainda em vigor, é ignorada. Uma greve geral só poderia acontecer em resposta à AIB e, necessariamente, sob a direção da Aliança.

Companheiros! Os acontecimentos de Petrópolis mostraram claramente que o fascismo (integralismo) se desmascara abertamente preparando o seu golpe; usando da demagogia e do terror (assassinato de mulheres e crianças de Petrópolis) em desespero de causa e vendo o vulto que tem tomado a Aliança Nacional Libertadora com Luiz Carlos Prestes à frente, os integralistas, apoiados pelos imperialistas e latifundiários estão prontos a desfechar seu ataque às massas populares.

O Núcleo Têxtil da Aliança Nacional Libertadora apoia todas as reivindicações e lutas do proletariado têxtil e chama à luta todos os têxteis contra o imperialismo japonês principalmente, que procura lançar os seus tecidos 100% mais barato (sic) causando uma maior crise na indústria têxtil.

Companheiros! O protesto firme e veemente de todos os trabalhadores e antifascistas do Brasil conseguiu o recuo da concentração fascista em São Paulo: mas mesmo assim devemos estar alertas: EM CASO DE GOLPE DECLARAR IMEDIATAMENTE A GREVE GERAL é a palavra de ordem do Diretório da Aliança Nacional Libertadora; estejamos alertas vigilantes e prontos para evitar este golpe, transformando-o num movimento geral das forças trabalhadoras⁶ [destaque no original].

Embora ainda correndo, novamente, o risco de superficialidade, uma análise do texto sugere em que ponto estava o entendimento de seus enunciadores sobre os eventos de Petrópolis. A abertura do “discurso” (dirigido não aos “brasileiros”, como de hábito, mas à uma categoria específica) parece tentar estabelecer empatia entre os têxteis de todo o país e seus colegas petropolitanos. Não devido a suas reivindicações trabalhistas, mas porque foram vítimas do “terror integralista”, o que prenunciava um “golpe” da AIB. Note-se aí a supressão do evento central (a morte de um operário), então substituído por informações que nem mesmo o mais aliancista dos jornais informava ou confirmava (“morte de mulheres e crianças de Petrópolis”).

⁶ Disponível em Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro: <http://www.rj.gov.br/web/casacivil>

Esta tentativa de estabelecer empatia é notável na identificação de um “enunciador” claro – o Núcleo Têxtil da ANL – embora a nota seja assinada pelo diretório nacional. Trata-se, aparentemente, não de levar a pauta da Aliança a Petrópolis – mas de tentar elevar a questão local a um âmbito nacional. O texto ainda faz referências até ao “imperialismo japonês” e à “batalha da praça da Sé”, no ano anterior. Em maiúsculas, a ANL traz sua “palavra de ordem”, que é a convocação de uma greve geral da categoria, mas somente “em caso de golpe”.

Quanto à greve geral de Petrópolis, já em andamento e ainda regularmente noticiada pelos maiores jornais do país: nem uma palavra.

Outro episódio, na manhã de segunda-feira, dia 17, iria agravar o clima de tensão: um policial de Niterói, José Leopoldo Tinoco, “destacado para auxiliar o policiamento” de uma das fábricas em greve foi assassinado com um tiro na cabeça, após confronto com manifestantes, morrendo no local. O crime aconteceu nos arredores de uma das fábricas paralisadas, a Dona Isabel. Acusado de efetuar o disparo, o jornalista José Antunes Almeida foi preso com a arma do crime. Ele confessou ter efetuado o disparo, mas alegou que era em legítima defesa (A NOITE, 18 de junho de 1935, p. 1).

Coincidência ou não, o acusado era aliancista. E a vítima, um integralista – enterrado no dia seguinte, em Niterói, conforme atesta foto publicada em *A Manhã* e no *Diário de Notícias*, na qual camisas-verdes conduzem seu caixão.

Algumas horas depois do crime, a sede da ANL e do SOFTP foi invadida e fechada pela polícia. Mais tarde, operários e aliancistas iriam denunciar que muitos itens foram levados – incluídos aí material de propaganda da ANL e dinheiro que os têxteis haviam arrecadado, em uma campanha para auxiliar a família de Candú:

À vista das proporções que assumiu o caso de Petrópolis, motivando o fechamento da sede do Sindicato dos Operários em Fábricas de Tecidos daquela cidade, o sr. Agamenon Magalhães telegrafou à diretoria da referida associação de classe solicitando a presença de representantes para um entendimento. Atendendo a essa solicitação compareceram ontem à tarde, no gabinete do ministro do trabalho, o presidente e mais dois diretores daquele sindicato, realizando-se então uma conferência da qual tomou parte o sr. Luiz Mezzavilla, inspetor regional do trabalho (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 13 de junho de 1935, p. 6).

Note-se que a convocação do ministro foi para representantes do SOFTP – e não da CSUB ou da ANL, cujos comunicados, a esta altura, não faziam mais referências ao movimento em Petrópolis. À presença de Mezzavilla somou-se, no dia seguinte, a de Yêddo Fiúza. Próximo a Vargas, de quem era conterrâneo, foi nomeado pelo presidente como prefeito de Petrópolis no contexto das intervenções que se seguiram à revolução de 1930. Governou até 1934, angariando grande simpatia popular. Já no dia 18, a maioria dos grevistas anunciou a volta ao trabalho:

Havendo o dr. Yêddo Fiúza, ex-prefeito desta cidade, interferido no caso da paralisação do trabalho das últimas fábricas que ainda estavam paradas, a pedido dos respectivos operários, acaba de conseguir o fim almejado. Assim, depois das démarches que se vinham realizando desde ontem, que se realizou

hoje, das 10 às 12 horas, na qual deliberaram dar plenos poderes ao sr. Yêddo Fiúza, para agir no caso, foi novamente realizada, às 19 horas, na sede do Sindicato dos Operários em Fábricas de Tecidos a sessão definitiva, ficando resolvido recomeçarem os trabalhos depois de amanhã. O acordo respectivo está sendo assinado (CORREIO DA MANHÃ, 19 de junho de 1935, p. 2).

É preciso destacar que, mesmo com a atuação de Fiúza, não houve “um acordo”, propriamente, mas acordos isolados, respectivos a cada uma das fábricas paralisadas e seus empregados. Jornais como *A Noite e Correio da Manhã*, em suas edições dos dias 19 e 20 de junho, atestam que o fim da greve se deveu ao fato de a maioria das reivindicações dos grevistas ter sido atendida. Mas a suposta reivindicação que teria motivado a paralisação, segundo os retumbantes anúncios iniciais da ANL (fechamento da sede local da AIB) não entrou nas pautas de negociações. Os operários decidiram como e porque iniciar a greve, sem a ingerência da ANL. E, por ela ignorados, também assim decidiram quanto ao fim do movimento.

No que diz respeito a Petrópolis, o aliancista *A Manhã*, que durante uma semana pareceu ignorar a greve geral, voltaria a citar o movimento em uma chamada de primeira página somente no dia 26: “Vitoriosa a greve dos têxteis”; “Os patrões, diante da resistência do operariado, resolveram ceder”.

Uma das pautas de reivindicações, no entanto, pode ser significativa para demonstrar quais poderiam ser algumas das prioridades naquele momento, a partir do exemplo da maior das empresas locais, a Companhia Petropolitana – distinguindo-se, agora com clareza, “questões de ordem pública” das “reivindicações sociais”. No texto do acordo, o sindicato (embora não se referencie a qualquer segmento político) faz referência às reivindicações ditadas pela ANL, uma semana antes – mas, por evidente, exime-se de atrelar a paralisação ao fechamento da sede da AIB. O texto sugere que, se a imprensa aliancista havia se “esquecido” dos operários petropolitanos nos dias anteriores, os operários de Cascatinha ainda evocavam a principal exigência da Aliança. A greve, iniciada pela política, terminava com o atendimento de reivindicações pela melhoria das condições de trabalho. Informava o acordo:

[...] considerando ainda que as questões de ordem política somente pelas autoridades públicas podem ser resolvidas e, assim sendo, a diretoria do sindicato, interpretando fielmente os sentimentos manifestados por todos os seus associados, resolve apelar para os poderes públicos a fim de que não permitam a existência de bandos armados, que trazem o desassossego ao trabalho (A NOITE, 20 de junho de 1935, p. 1).

O apelo, como se sabe, foi em vão. Os integralistas continuariam atuando livremente em Petrópolis (e no Brasil) até 1938.

Embora a direção nacional da ANL tenha, pouco a pouco, deixado de referir-se à greve geral em Petrópolis, mesmo quando ela estava em andamento, pelo menos um de seus dirigentes perceberia o potencial do movimento como símbolo revolucionário: e foi justamente o presidente de honra da sigla, Luiz Carlos Prestes, quem vislumbrou a mobilização operária como uma possibilidade em favor da sua pretendida insurreição.

Três meses após os incidentes em Petrópolis, momento em que a ANL já não existia como entidade legal, Prestes escreveria uma longa carta a Sisson. Nela, fez considerações sobre o evento, elogiando a atuação do secretário-geral, que foi elevado à categoria de um herói da “coluna invicta” – devido ao seu “espírito de sacrifício” manifestado na aparentemente árdua tarefa de “ligar-se ao povo”. Distribuindo críticas a aliados e fazendo recomendações sobre a condução da revolução sonhada pelo PCB, o “cavaleiro da esperança” lembrou que, para se atingir o patamar revolucionário “o indispensável é mobilizar e organizar grandes massas, prepará-las pacientemente, através de lutas parciais, para a grande luta final pelo poder”. Neste sentido, a mobilização em Petrópolis foi, segundo Prestes, exemplar.

Mas, reitera-se, foi um fenômeno que ocorreu exclusivamente devido ao protagonismo de Sisson. Candú, trabalhadores e sindicatos petropolitanos, bem como a greve (fosse “econômica” ou “social”) por eles conduzida, não são sequer citados ao longo de 2.530 palavras. No que diz respeito aos eventos de 9 a 20 de junho, a avaliação do presidente de honra da ANL para o secretário-geral da sigla foi a seguinte:

A sua atitude em Petrópolis, tomando a frente das massas e levando-as audaciosas e valentemente à luta contra os assassinos policiais e integralistas é digna dos verdadeiros continuadores da bravura de Siqueira Campos. [...] Lutas, como a de Petrópolis, precisam ser preparadas e levadas a efeito em todo o Brasil. Depois de uns vinte Petrópolis a insurreição será inevitavelmente vitoriosa. (PRESTES, 1935).

Vale registrar também outro importante personagem: de Getúlio Vargas, *habitué* do Palácio Rio Negro, que desde 1898 era residência de veraneio dos presidentes da república, independentemente da estação do ano, nem uma palavra foi divulgada sobre os incidentes em Petrópolis. O conflito, os mortos e feridos; e a greve, que por mais de uma semana estiveram nas primeiras páginas dos maiores jornais do país; que foram debatidas na Câmara; que mobilizaram contingentes do Exército; que serviram de mote para incontáveis manifestações aliancistas em todo o país; que mobilizaram o Ministério do Trabalho; e que causaram impressão até mesmo ao “cavaleiro da esperança” não mereceram comentários públicos – e nem, até onde se sabe, de caráter privado, o que se poderia manifestar, talvez, tal como no exemplo de Prestes.

Atente-se, porém, que Vargas esteve, sim, em Petrópolis durante a greve. No dia 16, um domingo (véspera da morte do policial integralista e da invasão da sede da ANL pela polícia), Vargas passou o dia na cidade. Como compromisso oficial, apenas uma rápida visita à exposição agropecuária local, acompanhado de Yêddo Fiúza. A imprensa na época não estabelece qualquer vínculo entre a presença de Vargas na cidade e a greve – ou a seu encerramento. E se os jornais nada disseram a respeito, tampouco o próprio presidente. Em seu “Diário”, Vargas registrou:

Dias 14 a 16 (Junho, 1935): Não ocorreram fatos de maior importância, a não ser a situação política dos estados não constitucionalizados, que me obrigam a atender constantes solicitações. No último dia fui a Petrópolis assistir à exposição, que percorri e examinei, indo depois almoçar com vários outros conhecidos [...]. Depois saí com o engenheiro Fiúza, a fazer um passeio... (VARGAS, 1995, p. 211).

Para além de estratégias políticas, o alheamento de Prestes e a indiferença de Vargas quanto à iniciativa e mobilização dos operários de Petrópolis parecem refletir uma mentalidade da época que estava presente também na historiografia, segundo a qual um conjunto organizado de trabalhadores era consensualmente considerado como mera massa de manobra.

Nas primeiras incursões analíticas sobre o lugar da classe operária na sociedade brasileira, os trabalhadores apareciam muito palidamente em modelos interpretativos generalizantes e demiurgos conceituais, como “povo e nação” – na versão do pensamento autoritário de Oliveira Vianna –, “reforma e revolução” – nas teleologias normativas do Partido Comunista –, “arcaico e moderno” – nas interpretações sociológicas dos anos 1950 e 1960. Nesses registros, os trabalhadores apareciam como “sujeitos” incapazes de definir projetos e práticas independentes do Estado. (CHALHOUB; DA SILVA, 2009, p. 26).

Na observação das iniciativas dos operários petropolitanos em 1935, porém, este entendimento não parece sustentar-se em bases sólidas.

6. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Eventuais interpretações acerca do pensamento presidencial naquele momento, e tomando por base apenas umas poucas palavras no seu diário, podem ser arriscadas – ou mesmo inócuas. Mas é fato que Vargas foi a Petrópolis em meio a uma conflagração política-trabalhista, não tomou qualquer atitude (pública) a respeito da questão e sequer se pronunciou sobre os eventos que se desenrolavam na cidade. Parece ter ignorado a greve geral e os episódios de violência – e, principalmente, o papel daqueles trabalhadores. Prestes, por sua vez, não considerou a hipótese de que a “massa operária” pudesse ter se mobilizado ela própria para articular uma greve geral. A aparente indiferença de um e outro quanto às possibilidades próprias de articulação no movimento operário podem ser meramente uma característica da época, segundo a qual o protagonismo político ou de ações sociais somente poderia ser compreendido através de líderes – e nunca através de “liderados”.

Conforme observado, o desenrolar das ações nos eventos de Petrópolis (malgrado haver lideranças políticas e outros aspirantes ao protagonismo) depende sempre da vontade “da massa”, “do povo”, “dos brasileiros”, “dos operários” – ou, para utilizar uma única palavra, “do trabalhador”. Qual o sentido, por exemplo, da rápida propagação do integralismo no município, senão como reflexo das aspirações (interesses? objetivos?) de uma considerável parcela do grande conjunto de trabalhadores locais? Como entender a meteórica expansão da Aliança em Petrópolis senão considerando uma estrutura e uma capacidade de mobilização previamente engendradas pelos operários têxteis e seu sindicato? Sob esta ótica, parece mais pertinente considerar a avaliação de que “o movimento operário não pode ser visto apenas como dependente da história da sociedade, mas como sujeito de sua própria história” (WEFFORT, 1972, p. 112).

REFERÊNCIAS

- A MANHÃ, Rio de Janeiro: 1935.
- A MARCHA, Rio de Janeiro: 1935.
- A NOITE, Rio de Janeiro: 1935.
- A OFFENSIVA, Rio de Janeiro: 1935.
- A RAZÃO, Rio de Janeiro: 1935.
- ABRAMO, Fúlvio. **A revoada dos galinhas verdes**. São Paulo: Veneta, 2014.
- ALCÂNTARA, Priscila Musquim. **Petrópolis, 1935. Greve e conflitos na Cidade Imperial**. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal de Juiz de Fora. 2009.
- ARBOS, Phillipe. **Esboço de Geografia Urbana. Trabalhos de Comissão**. Volume VI. Petrópolis. Prefeitura Municipal de Petrópolis, 1943.
- ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO.
- BERTONHA, João Fábio. **O integralismo e sua história: Memórias, fontes e historiografia**. Salvador: Pontocom, 2016.
- BIBLIOTECA MUNICIPAL DE PETRÓPOLIS.
- BIBLIOTECA NACIONAL.
- CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DA FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. **Dicionário Histórico Bibliográfico Brasileiro**. Rio de Janeiro: Editora FGV.
- CHALHOUB, Sidney; DA SILVA, Fernando Teixeira. **Sujeitos no imaginário acadêmico: escravos e trabalhadores na historiografia brasileira desde os anos 1980**. Campinas: Unicamp. **Cadernos AEL**, v.14, nº 26, 2009,16-45.
- CORREIO DA MANHÃ. Rio de Janeiro: 1935.
- DULLES, John W.F. **Anarquistas e comunistas no Brasil**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977.
- FREITAS, Valter de Almeida. **ANL e PCB – mitos e realidade**. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 1998.
- GAZETA DE NOTÍCIAS. Rio de Janeiro: 1935.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **População relativa e absoluta dos municípios calculada para 31 de dezembro de 1936**. Rio de Janeiro: IBGE, 1936.
- JORNAL DE PETRÓPOLIS. Petrópolis: 1935.
- JORNAL DO BRASIL. Rio de Janeiro: 1935.
- MACHADO, Paulo Henrique. **Pão, Terra e Liberdade na Cidade Imperial. A Luta antifascista em Petrópolis em 1935**. Edição do autor, 2008.

MARTINS, Ismênia de Lima. **Subsídios para a História da Industrialização em Petrópolis**. Petrópolis: Universidade Católica de Petrópolis, 1978.

MESQUITA, Pedro Paulo Aiello. **A formação industrial de Petrópolis: Trabalho, sociedade e cultura operária (1870-1937)**. Dissertação apresentada ao PPGH da Universidade Federal de Juiz de Fora. UFJF, 2012.

O PARAHYBA. Petrópolis, 1857.

OLIVEIRA, Alexandre de. **O integralismo e o operariado de Petrópolis (RJ) – 1930-1935**. II Simpósio do Lahps - 90 anos da OIT: Mobilização social e direitos trabalhistas. Universidade Federal de Juiz de Fora, 2009.

OLIVEIRA, Eduardo de. **Cidade “verde” ou cidade “vermelha: AIB e ANL em Petrópolis**. Tese apresentada ao PPGHPBC da Fundação Getúlio Vargas. FGV. Rio de Janeiro, 2018.

PANDOLFI, Dulce. **História e Memória do PCB**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1995.

PINHEIRO, Paulo Sérgio. **Estratégias da ilusão – a Revolução mundial e o Brasil 1922-1935**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

PRESTES, Anita Leocádia. **Luís Carlos Prestes: patriota, comunista e revolucionário**. São Paulo: Expressão Popular, 2006.

PRESTES, Luís Carlos. **Problemas atuais da Democracia**. Rio de Janeiro: Editora Vitória, 1947.

TRIBUNA DE PETRÓPOLIS. Petrópolis, 1935.

VARGAS, Getúlio. **Diário**. Rio de Janeiro: FGV; São Paulo: Siciliano, 1995.

VIANNA, Marly Machado. **Revolucionários de 1935: entre o sonho e a realidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

WAACK, Willian. **Camaradas: nos arquivos de Moscou, a história secreta da revolução brasileira de 1935**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 1999.

WEFFORT, Francisco. **Participação e conflito industrial - Osasco e Contagem - 1968**. São Paulo: Cebrap, 1972.